18. A verdade é Cristo

Saído o centurião, Pilatos permaneceu imóvel, com o olhar fixo no vazio. Veio-lhe à mente a pergunta que havia feito ao Nazareno: "Que é a verdade?" (Jo 18, 38). Parecia-lhe que a resposta que não havia esperado tivesse vindo procurá-lo quando menos a esperava, e por meio de alguém de quem jamais a teria esperado.
É possível que, toda vez que ele perguntasse algo sobre Jesus, sobre sua morte, a resposta não fosse o relato de meros fatos, mas… a sua Pessoa? Mesmo depois de lhe ter perguntado "Que é a verdade?", pensava não poder esperar nenhuma resposta daquele homem, e, contudo, quando o viu ser trazido de volta desfigurado pela flagelação, vestido de rei e coroado de espinhos, fitando-o, sentiu surgir na sua mente um pensamento que ele apressou-se a afastar: "Eis a verdade!". Às pessoas disse: "Eis o homem!", mas no seu coração isto queria dizer: "Eis a verdade do homem, a verdade deste homem que todos odiais, a verdade do rei que todos temeis, a verdade de quem o odeia até reduzi-lo a este estado e a verdade daquela religião que há séculos se preparava para acolher este Messias". E Pilatos percebeu, com um aperto no coração, medindo toda a sua hipocrisia, que aquele homem era também a *sua* verdade, a verdade dele mesmo, a verdade da sua vida, da sua carreira, do seu poder, da sua dependência hipócrita e mesquinha de César.
Pilatos intuiu misteriosamente que, se Jesus era a sua verdade, a verdade da sua vida e de tudo, então era verdadeiramente Rei, o Senhor do universo. De fato, como se sentia livre este Jesus! Livre e verdadeiro, o único lampejo de verdade em meio a toda a mentira que encharcava tudo e todos, que descia como trevas espessas sobre toda a realidade que cada um acreditava manipular em seu próprio proveito. Tudo era falso, tudo era tenebroso. Não havia de verdadeiro e real em meio a tudo senão a pequena chama daquele Homem, daquele rosto, daquele olhar, daquela voz, daquele silêncio. O Nazareno exprimia somente verdade, quer falasse quer se calasse, quer te fitasse quer baixasse os olhos. Tudo n'Ele era verdade. Nem sequer a palhaçada cruel orquestrada pelos seus soldados vencia a verdade desta Pessoa. Precisamente com aquela coroa de espinhos, aquele trapo vermelho sobre os ombros, aquela cana na mão como cetro, precisamente tudo isso revelava que verdadeiramente Ele era Rei, o Rei dos reis.

Pilatos não havia suportado toda aquela verdade e, por isso, se apressara a lançar tudo fora: Jesus, os judeus, os sacerdotes, os escribas, mas também a si mesmo, também a sua consciência, no mar escuro da impostura expressa por todos, utilizada por todos, sem nenhuma outra razão senão a de apagar aquela única chama de verdade, de sinceridade, aquela única chama *de realidade.* Havia lançado naquele abismo de mentira também César, fazendo com que eles o reconhecessem como rei, e simulando que também ele o estava servindo com lealdade, enquanto sabia muito bem que os judeus jamais o reconheceriam como seu rei, e que ele mesmo não servia César senão para servir a si mesmo, e que não adorava César senão para adorar a si mesmo e o poder e a riqueza que pensava ganhar com esta idolatria.

Tinha feito condenar Jesus às pressas, sem mais refletir e pensar nisso. Estava farto de atormentar-se por aquele Homem. Mandou-o à morte para tirá-lo da sua consciência, para apagar aquela pequena chama de verdade que emanava daquele Homem, que o contagiava e queimava nele como uma febre.

Pôs-se a odiar até o centurião, mas sem conseguir desprezá-lo, porque as suas palavras, o seu olhar, os seus olhos brilhantes enquanto falava da morte do Nazareno haviam despertado tudo, haviam atiçado novamente brasas que pensava ter totalmente sufocado.
Mas, se o Nazareno o atormentava mesmo morto, que saída lhe restava? Sentia o sopro daquele último respiro de Jesus como um sibilo de vento no deserto que ninguém pode interromper, porque não sabes de onde vem e para onde vai. Não queria esta verdade na sua vida, *da* sua vida, mas quanto mais dela fugia, mais dela se afastava, mais sentia que o seu destino, o seu rei, a sua vida afundavam no abismo da impostura.

Enquanto o centurião abraçava de todo o coração o mistério daquela Verdade, Pilatos, talvez, escolheu o absurdo de rejeitá-la, fugindo para o nada, condenando a si mesmo à desolação do homem que não quer estar com Jesus, com Jesus que está conosco todos os dias até a eternidade, com Jesus que é em pessoa o nosso Paraíso.

Mas quem sabe se, no fundo daquele inferno, também Pilatos, também Judas, não tenham encontrado a verdade extrema de Cristo: o seu olhar de misericórdia, acompanhado daquela palavra, daquela oração, que desmantelou o inferno: “Pai, perdoa-lhes; porque não sabem o que fazem!” (Lc 23, 34).

Deus não julga os pecadores discutindo com eles, mas falando deles entre Si e Si, entre o Filho e o Pai, no sopro do Espírito, como fazem os pais quando discutem com amor os problemas e os erros dos seus filhos. E quanto mais os problemas e os erros são graves, quanto mais prejudicam os seus filhos, mais os pais falam deles com amor, com desejo de abraçá-los.